



M
O
R
R
O
D
A
C
O
N
C
E
I
Ç
Ã
O

O Edital Arte e Patrimônio foi lançado em 2007 com o objetivo de criar uma linha de financiamento para projetos que estabeleçam diálogos entre as artes visuais contemporâneas e o patrimônio artístico e histórico nacional. Por um lado, trabalhos artísticos e processos estéticos atuais e, por outro, os acervos, as tradições, as culturas e os sítios que estabelecem a memória do País. Essa sugestão de interações múltiplas é um modo de celebrar os 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan.

Formada por Afonso Luz, Carlos Zilio, Cristiana Tejo, Fernanda Barbará, Lauro Cavalcanti, Lorenzo Mammi, Marisa Morkarzel, a comissão julgadora se reuniu em outubro de 2007 para selecionar, entre os 138 projetos recebidos de todo o Brasil, 12 propostas que priorizassem a inter-relação entre as artes visuais contemporâneas e os patrimônios brasileiros escolhidos.

Foram selecionados dois projetos que propõem uma leitura histórica das artes visuais e dez projetos que difundem a temática da interação entre as artes visuais e o patrimônio cultural brasileiro.

Nesta primeira edição do Edital foram escolhidos projetos que fazem interações entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul e entre as regiões Sul e Nordeste. A relação de todos os projetos selecionados está disponível no site www.artepatrimoniorg.br.

△ O Morro da Conceição, um dos conjuntos preservados no Centro Histórico do Rio de Janeiro, recebeu durante um fim de semana, um grupo de 18 artistas que realizaram suas interações com o patrimônio urbano, além de oficinas que aproximaram a comunidade e visitantes.” △

O Edital Arte e Patrimônio é uma iniciativa do Ministério da Cultura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, por meio do Paço Imperial, com patrocínio da Petrobras.



Uma intervenção artística

foi realizada no Morro da Conceição – sítio histórico de reconhecida importância na cidade do Rio de Janeiro –, nos dias 12 e 13 de abril de 2008, sábado e domingo. A intenção era de promover a integração entre arte, patrimônio e comunidade, baseando-se em dois princípios elucidados por Aloísio Magalhães: primeiramente, que o uso é a melhor maneira de preservar o antigo e, paralelamente, que a comunidade é o melhor guardião de seu patrimônio. A ação realizada teve a função simbólica de demarcar o Morro da Conceição como um espaço de especial abertura para as artes visuais e, por extensão, de evidenciar o valor dessa vocação artística como fator de coesão entre preservação do patrimônio histórico e manutenção da comunidade e seu modo de vida. Foram traçadas três linhas de ação estratégica: 1) envolver todos os agentes presentes na localidade numa rede de ação coletiva objetivando a realização do evento; 2) atrair a frequência do meio artístico ao Morro, buscando evidenciar seu perfil como espaço propício para a produção cultural, por conta de sua paisagem urbana e configuração social, peculiares na cidade; 3) gerar uma percepção na comunidade de que a arte pode ser um instrumento para garantir a sustentabilidade do lugar num cenário futuro, resguardando o patrimônio material e imaterial construído por sucessivas gerações.

A primeira ação estratégica teve início em novembro de 2007, mediante a aproximação do projeto com diversas organizações – representantes do poder público, instituições privadas e agremiações de moradores. Dentre as primeiras parcerias formadas, a mais pronta e produtiva foi com a **Venerável Ordem Terceira de São Francisco (VOT)**, proprietária de escolas de ensino fundamental e médio ativas no Morro da Conceição, assim como de bom número de imóveis na região, onde realiza importante projeto de ação social comunitária: abrangendo oficinas profissionalizantes, biblioteca, centro de saúde, centro comunitário e casa de cultura. Além de fornecer apoio logístico geral, a VOT cedeu espaços para a realização de quatro oficinas de criação, oferecidas gratuitamente para a comunidade como parte integrante do projeto. Em seguida, foram firmados acordos informais de cooperação com a **Fortaleza da Conceição**, através da 5ª Divisão de Levantamento do Exército Brasileiro, e com outros órgãos públicos em nível federal (6ª Superintendência Regional do **Iphan**) e municipal (Instituto Pereira Passos, Centro de Arquitetura e Urbanismo e 1ª Região Administrativa da **Prefeitura**). Das principais instituições presentes no Morro, apenas o Observatório do Valongo/ UFRJ optou por não participar, alegando insuficiência de recursos.



No que tange ao envolvimento comunitário, houve a adesão dos artistas ligados ao **Projeto Mauá**, que resolveram abrir seus ateliês ao público no mesmo fim de semana do evento, e do bloco carnavalesco **Banda da Conceição**, que realizou seu primeiro ensaio público do ano no sábado, 12 de abril. Outras iniciativas paralelas ao evento incluíram a realização de uma intervenção pelo coletivo **Rádio La Rica** e a realização de uma roda de samba no bar da Rua do Jogo da Bola, ambos no domingo, 13 de abril. A divulgação do projeto na comunidade foi garantida pela realização de uma reunião pública, no dia 11 de março, e subsequente filipetagem do casario do Morro na semana que antecedeu ao evento.

O sucesso da segunda ação estratégica foi garantido pela participação fundamental da galeria **A Gentil Carioca**, como proponente do projeto, e pela atuação subsequente dos próprios artistas escolhidos para

participar, tanto produzindo obras e intervenções, quanto ministrando as oficinas de criação e conduzindo outras ações de apoio como o registro fotográfico e audiovisual do evento. Além dos dezoito artistas cujo trabalho serviu de foco para a intervenção (ver texto curatorial, a seguir), deram sustentação ao evento outros artistas ministrantes das oficinas de criação: **Evelyn Kligerman** (barro), **Marcos Cardoso** (carnaval), **Marinho** (graffiti), **Pedro Agilson** (fotografia). A equipe de documentação contou com o trabalho de **André Weller** e **João Vargas** (audiovisual) e **Paulo Innocêncio** (fotografia). Houve intenso trânsito de profissionais de arte, seus assistentes e associados, pelo Morro da Conceição durante os cerca de quatro meses de preparação, culminando com a presença maciça do meio artístico carioca nos dois dias do evento. Esse trânsito foi facilitado pelo fato do curador, **Rafael Cardoso**, ser morador do lugar, há oito anos. Sendo que grande parte dos frequentadores



declarou nunca antes ter visitado o Morro e que muitos manifestaram seu encantamento subsequente, é possível afirmar que foi atingido o objetivo de aumentar a visibilidade do local como pólo de produção cultural.

A terceira ação estratégica era a mais difícil; porém, começou a ser realizada em decorrência do êxito da segunda. A própria visibilidade do evento, gerando boa cobertura de mídia e elevada visitação pública, serviu para despertar na comunidade um senso do potencial da chamada vocação artística do Morro da Conceição. Desprovidas do atropelo predatório associado aos excessos do turismo, as intervenções dos artistas foram recebidas com curiosidade, boa vontade e animação. O aspecto *happening* do evento contagiou moradores e vizinhança de modo amplo, integrando de modo harmonioso o fluxo de visitantes com o ritmo cotidiano das ruas do bairro. Essa integração ficou evidenciada, em especial, nos eventos festivos, sendo fundamental

a cooperação entre o projeto e a Banda da Conceição. As oficinas de criação, cujo público majoritário foi de crianças e jovens da comunidade, reafirmaram de maneira eloqüente que o trabalho artístico é atividade ao alcance de todos, bastando para isso vontade e dedicação. A participação entusiasmada nessas oficinas gera a esperança de que outras atividades de arte-educação possam vir a ser implantadas no Morro, de modo permanente – possivelmente, em parceria com a VOT e as escolas. Com essa mobilização da comunidade, mesmo que temporária, espera-se ter estimulado a reinvenção funcional do Morro da Conceição como local de produção de arte. Como expressão viva e imediata do fazer cultural, a produção artística pode contribuir para a consciência de que ‘patrimônio’ não é algo que pertença somente ao passado, mas antes aquilo que se cria e se constrói diariamente através das ações e obras individuais e coletivas.



A quase tricentenária

igreja de São Francisco da Prainha eleva-se acima de um muro branco altíssimo, o qual antes servia para protegê-la do mar que batia nas pedras abaixo. Hoje, não há mais praia nenhuma ali, e muitos transeuntes que circulam pela Rua Sacadura Cabral, pertinho da Praça Mauá, Centro do Rio de Janeiro, sequer suspeitam da presença do velho monumento, escondido em plena luz do dia. Quem passasse por ali no sábado e domingo, 12 a 13 de abril de 2008, não tinha chance de não olhar para cima. Despencava do alto do muro um feixe imenso de fios vermelhos de lã, atados a um poste no meio da calçada, como que perfazendo de modo inverso o caminho dos olhares que buscavam sua origem, no Adro de São Francisco, logradouro do Morro da Conceição. Amarrando literalmente o casario antigo do Adro, em cima, à rua, em baixo, a instalação de **Adrianna Eu** ligava o bem preservado ao abandono cotidiano daquele trecho desprezado do tecido urbano. O convite à curiosidade estava feito. Mesmo que o transeunte desviasse o olhar, era inescapável o apelo da arte. Do outro lado da Rua Sacadura Cabral, defronte ao Adro, encontra-se a pintura mural *União das repúblicas individualistas contentísticas*, de autoria de **Carlos Contente**, devolvendo ao espaço público as brincadeiras com a linguagem do graffiti levadas anteriormente pelo artista para dentro da galeria. Ao pintar o muro, mais do que pichado, com essa nova camada de tinta, o mural de Contente dá a senha do projeto. Com todo o topete de champanhe derramado na sarjeta, a arte vem

para dar visibilidade e vida a um ambiente que deixou, injustamente, de ser olhado e cuidado.

Quem se desse ao trabalho de subir a escadaria até o Adro, começava a medir o tamanho da intervenção que pretendeu transformar, pela arte, o modo como é percebido e experimentado o precioso patrimônio histórico do Morro da Conceição. Dependurada na porta da igreja de São Francisco, uma intrigante colcha de películas esvoaçava no vento, sem explicação. Parte integrante da instalação/performance *Descanso*, de **Bianca Bernardo**, o pleno sentido dessa interferência só seria revelado na noite de sábado, quando a artista – vestida de branco, lampião na mão, qual um Diógenes de camisola – desceu as ladeiras do Morro para se aninhar nos degraus da igreja e buscar ali o sono, transformando a solidão do local em aconchego. Logo à direita da igreja, posicionava-se a instalação *Trame-se*, de **Elisa Castro**, uma extensa trama de fios de cobre, a qual partia do exterior de uma das casas que circundam o Adro – a oficina “Arte e Bordado”, integrante do conjunto de atividades comunitárias patrocinadas pela Venerável Ordem Terceira de São Francisco, proprietária do local. Subindo pelas paredes, dependurando-se sobre portas e postes, insinuando-se entre fios de eletricidade, a obra da artista propunha uma brincadeira sensível em torno dos limiares entre peso e leveza, força e delicadeza, resistência e condução, discorrendo sobre as tramas tecidas e laços forjados por tantas mulheres cujo trabalho já ocupara antes aquele espaço.



13

CANTINHO DA MODA



Do outro lado da igreja, a instalação *Matrimônio histórico*, de **Gabriela Noujaim**, propunha-se a outra espécie de reflexão sobre os recônditos do feminino. Reflexão, no caso, que se manifestou como reflexos, mesmo. Um grande espelho posto sobre uma espécie de cavalete refletia a lateral da igreja de São Francisco. Colada sobre este espelho, a imagem fotográfica da fachada de outra igreja – a do Colégio Sacré Coeur, em Copacabana, vestígio da história própria da artista –, criando um diálogo entre os dois templos, o presente e o ausente. No meio do espelho, outro espelho – menor, redondo, convexo – ao qual está colado o recorte de uma imagem, a reprodução do famoso casal Arnolfini, de Jan van Eyck, compreendendo o sutil eco visual da convexidade da barriga da esposa grávida. Colada à lateral da igreja presente, outra imagem ainda – uma plotagem da caveira distorcida do quadro *Os embaixadores*, de Hans Holbein – a qual se reflete no pequeno espelho convexo, realizando parcialmente a ilusão ótica da anamorfose. Ao passar entre a igreja e o espelho, o participante se vê inserido nesse jogo complexo de reflexos, enredado entre arte e religião, imagem e substância, nascimento e morte, matrimônio e patrimônio.



Circulando ainda em torno do Adro de São Francisco, o visitante encontrava duas cadeiras dobráveis, postas na calçada: um convite a sentar-se como o fazem tantos moradores nos fins de tarde do Morro da Conceição. Na delicada instauração de **Tatiana Grinberg**, o participante recebia das mãos de monitores – devidamente desnaturalizados de sua função fajuta de guias turísticos por suas roupas vestidas ao avesso – aparelhos sonoros de onde emanavam depoimentos de diversas pessoas, moradores e freqüentadores do Morro. Ao colocar o fone, eram ouvidos relatos de moradores sobre interiores de casas lembradas, assim como da igreja de São Francisco quase sempre fechada, perfazendo um passeio sonoro pela imaginação do local. Ecos da memória esmaecida. Vozes cujas imagens se cristalizam nos rostos da obra *Nós estamos aqui?*, de **Marcelo Frazão**, um painel fotográfico composto por cem retratos de pessoas da comunidade local. A obra desse artista, também morador do Morro, esteve entre as que mais chamou a atenção de outros moradores, os quais se viram incluídos (ou, em alguns casos, omitidos) do certame artístico, despertando reações devidamente registradas como parte da ação artística.



As vozes do passado também se fizeram ouvir na Pedra do Sal, bem tombado em nível federal por ser importante local da memória da negritude brasileira, reputado berço do samba, entre outras qualificações. A obra de **Guga Ferraz**, *Até onde o mar vinha; até onde o Rio ia*, constituiu-se em uma instalação sonora que simulava o barulho das ondas quebrando contra a rocha, em evocação do passado mítico do local, antes que sucessivos aterros afastassem o mar e reduzissem a alcunha 'Prainha' a um nome fora do lugar. Durante praticamente o dia todo em ambos os dias, os frequentadores da área puderam conviver com o doce murmúrio do mar que lhes fora subtraído pela progressiva urbanização. Como complemento a essa ação de tornar presente o passado imemorial, a obra *Tombamento*, de **João Modé**, ousou simular a ausência do presente indesejado. Em meio ao Largo João da Bahiana, uma maquete, uma planta e um relatório de caso – frutos de elaborada pesquisa, arranjados com meticulosa formalidade, como se fossem uma apresentação de projeto arquitetônico – ficavam dispostos sobre um pequeno tabuleiro, ao qual se acoplavam ainda fones de ouvido transmitindo seleta trilha sonora. A proposta? Nada mais, nada menos do que a derrubada do burocrático edifício da Cedae, à Rua Sacadura Cabral, 103, o qual empareda a Pedra do Sal com sua presença mais do que concreta.



A Pedra do Sal foi palco ainda de duas ações que buscaram, com dimensão quase ritual, resgatar o caráter histórico do local como centro de uma cultura, uma coletividade e uma cosmogonia unificadas. Talvez a obra mais emblemática do espírito da intervenção proposta, a instalação *Hidrahera*, de **David Cury**, elevou-se além de sua própria materialidade, aliando traços de ação comunitária e espetáculo à sua dimensão escultórica. Em estreita colaboração com os moradores da Rua Argemiro Bulcão, na subida da Pedra, o artista criou uma trama de mangueiras d'água de três cores – azul, laranja, transparente. Ao longo do dia de sábado, os cerca de 600 metros de mangueiras foram espalhadas criteriosamente pelo chão de pé-de-moleque, formando um tapete plástico de estranha herança artificial. Suas pontas foram levadas até a beira da Pedra e as outras extremidades ligadas a pontos de abastecimento no interior de seis casas diferentes da rua. No final da tarde, as torneiras foram abertas pelos moradores, propiciando uma breve lavagem das antigas escadarias escavadas. O resultado dessa ação foi uma totalidade em que moradores e artistas, casario e monumento, rua e participantes, interligavam-se todos em imensa instauração. No dia seguinte, domingo, a Pedra do Sal foi novamente palco de uma intervenção – desta vez, de autoria de **Marcos Chaves**. O artista distribuiu, entre o público presente, copos de vidro e velas de citronela, as quais foram acesas e dispostas sobre a Pedra por cada participante. Descontada a evidente intenção de ressaltar a epidemia de dengue que assola a cidade, e de cutucar os responsáveis por essa tragédia anunciada e evitável, a obra do artista foi muito além da ironia, pura e simples. A reverente alegria com que todos se dedicaram a preparar as velas e arrumá-las correspondeu a um legítimo espírito de ação coletiva, sentimento cuja beleza foi multiplicada pela singela poesia visual da Pedra iluminada por velas ao anoitecer.





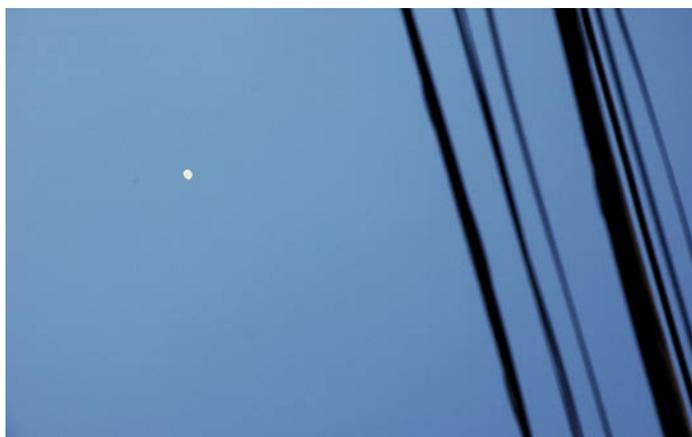


Outro momento de pura explosão de prazer plástico foi proporcionado pelo trabalho de **Lívia Flores**, no alto da Ladeira do Pedro Antônio, junto ao acesso para o Valongo, área mais maltratada do Morro da Conceição. A artista criou uma instalação constituída por 180 lâmpadas, arranjadas para formar o dizer "Feliz Ano Novo". Suspenso por fios elétricos entre dois postes, a obra confundia-se com a paisagem urbana, densamente povoada por fios, luzes e postes, com direito a visão panorâmica do Centro da cidade, à esquerda de quem olhava do nível da rua, e do Morro da Providência, à direita. Naturalizado assim visualmente para quem o visse à distância, o trabalho destoava de perto e causava estranheza por sua alusão propositadamente obscura à data distante (o único 'ano novo' próximo ao evento seria pelo calendário islâmico). No entanto, o momento em que as luzes foram acesas, na noite de sábado, arrancou aplausos dos presentes e o mesmo sentimento de euforia

juvenil que reina nas exibições de fogos de artifício. O fascínio da luz, do movimento e da interação dos participantes marcou igualmente dois outros trabalhos noturnos. Também na noite de sábado, **Ronald Duarte** levou à Praça Major Valô, coração do Morro, a instauração *Território imantado*. Circulando em meio ao ensaio da Banda da Conceição, então a todo vapor, o artista e seus ajudantes estenderam cabos de neon pelo chão, e passaram-nos suspensos de mão em mão, contribuindo um curioso colorido à festa. Na noite seguinte, também em meio à intervenção festiva pro movida pelo coletivo Rádio La Rica, **João Penoni** levou à Rua do Jogo da Bola uma vídeo-instalação na qual a imagem do próprio artista aparecia realizando acrobacias virtuais sobre uma tela adaptada a um brinquedo existente na pracinha local.



Não faltaram, ao longo dos dois dias, outras ações ao vivo: tanto performances quanto instalações que induziam a participação do público visitante. Na tarde de sábado, **Renato Santana** instaurou um espírito circense na Praça Major Valô com sua obra, *Gravidez psicológica de Vênus*. Para o delírio das crianças presentes, balões de hélio eram enchidos e pintados pelo artista com motivos e desenhos diversos, antes de serem mandados para o espaço. No domingo, no mesmo local, **Ducha** retomou o clima de festa de interior com sua provocativa obra, *Gincana*, na qual os participantes eram desafiados a realizar tarefas que beiravam o absurdo. Ainda no domingo, no interior escuro de um armazém desusado na Rua Sacadura Cabral, **Gabriela Mureb** levou a cabo uma compenetrada performance na qual desferia golpes de martelo contra um colchão de espuma, até a exaustão física. Era pressuposto essencial do evento que os participantes percebessem a decorrência das atividades como uma experiência efêmera, transcorrendo de modo único e irreversível no breve interlúdio de 48 horas e no espaço circunscrito do Morro da Conceição e arredores. Esse aspecto transitório buscava enfatizar a proposta da arte como ação participativa e devir, em explícita contraposição à noção de durabilidade e permanência que norteia o mercado de arte e a própria noção de patrimônio, em sua acepção tradicional.





Flertando abertamente com os limites entre durabilidade e transitoriedade, destruição e criação, patrimônio e arte, a obra *Magma*, de **Heleno Bernardi**, veio coroar o evento e tornou-se simbólica de suas aspirações. Tomando como suporte os escombros de uma casa que desabou sobre a Rua Major Daemon em meados de 2007, o artista empregou grande aparato e técnica, pesquisa e planejamento para efetuar o douramento dessa ruína com cerca de cinqüenta quilos de pó de purpurina. O esforço empreendido gerou um contraste implícito com o descaso demonstrado pelo poder público – o qual praticamente se esquivou de intervir no local, apesar do desabamento ter ocorrido há cerca de oito a dez meses, em dois tempos, desalojando famílias e trazendo perigo para moradores e transeuntes. Além do próprio artista, a ação mobilizou amigos, vizinhança e uma sofisticada equipe profissional, com direito ao uso de caminhão e grua, atribuindo visibilidade à imensa pilha de pedras, cimento, metal, tábuas, tapumes, louças e até móveis, de onde brota hoje o início promissor de um matagal. Ninguém que passa pelo local pode deixar de reparar na plasticidade impressionante dessa ruína transformada em obra de arte, a qual perdura ainda um pouco. Dos escombros, o brilho. Do esquecimento e da negligência, memória e preservação.

Rafael Cardoso, curador



MORRO DA CONCEIÇÃO

Ficha técnica

Curadoria

Rafael Cardoso

Artistas participantes

Adrianna Eu, Bianca Bernardo, Carlos Contente, David Cury, Ducha, Elisa Castro, Evelyn Kligerman, Gabriela Mureb, Gabriela Noujaim, Guga Ferraz, Heleno Bernardi, João Modé, João Penoni, Livia Flores, Marcelo Frazão, Marcos Cardoso, Marcos Chaves, Marinho, Pedro Agilson, Renato Santana, Ronald Duarte, Tatiana Grinberg

Coordenação

A Gentil Carioca

Diretores

Márcio Botner, Laura Lima & Ernesto Neto

Produtora

Tatiana Bührnheim

Designer

Liliane Kemper

Fotógrafo

Paulo Innocêncio

Montador

José Gerardo Silva Filho

Audiovisual

André Weller & João Vargas

Design do folheto

Glaucio Campelo | UNIDESIGN

Agradecimentos

Abel Duarte, Abílio Varela e família, Adélia Villas, Alexandre Murucci, Armando Jorge, Augusto Ivan de Freitas Pinheiro, Banda da Conceição, Bar do Odilo, Carlos Fernando de Andrade, Carlos R. Rabaça, Cláudio Aun, Constantino Bragança Pires, Frei Eckart, Edmilson Nunes, Ernani Pinto Scherer, Filé de Peixe, Guenther Leyen, Cel Hélio Gouveia Prado, Luiz Paulo Leal, Tte Luiz Roberto, Manoel Puoci, Márcia Regina, Marcos Frigideira, Sra. Margareth, Marli Fernandes, Neryth Yamile Manrique, Nilson Júnior, Nina Rabha, Paula Catunda, Pedro Miranda, Priscila Manhães, Rádio La Rica, Regina Ribeiro de Souza, Renata Wilner, Roberta Guimarães, Sílvia Finguerut, Stéphane Diz, Taiza della Libera, Tereza Vieira.

E a todos os moradores do Morro da Conceição, em especial os da Rua Argemiro Bulcão e da Rua do Jogo da Bola, pela gentil participação e acolhida.

Projeto



Patrocínio



Realização



Paço Imperial/MinC IPHAN



Ministério da Cultura



Apoio

